

RACISMO ESTRUTURAL E A SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NEGRAS: COMO AS FORMAS DE RACISMO INTERFEREM NOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

Janaína Deiques Santana

Elaini Karoline Russi¹

Resumo: O presente estudo tem como objetivo realizar o mapeamento sistemático pesquisando sobre o racismo estrutural e a saúde mental de mulheres negras, cujo a pergunta de pesquisa é: Como as formas de racismo interferem nos relacionamentos interpessoais? Foram realizadas buscas com as seguintes expressões em português: “Mulher negra”; “Relacionamentos”; “Racismo”; “Racismo Estrutural”; “Relacionamentos Afetivos” e “saúde mental”. Foram exploradas através do descritor booleano AND, combinados de modo a formar o seguinte *string* de busca: (“Saúde Mental” AND Relacionamentos) / (Mulheres AND Racismo) / (“Mulheres Negras” AND “Relacionamentos Afetivos”) / (“Mulheres Negras” AND “Saúde Mental”) / “Mulheres Pretas” AND “Relacionamentos Afetivos”. Foram encontrados 397 estudos, porém foram selecionados apenas quatro estudos para análise. Todos os estudos foram publicados no Brasil. Enquanto ao critério de inclusão foram utilizados estudos escritos em português, inglês e espanhol e exclusão não foram aceitos estudos que não teriam relação com o objetivo do estudo, em qualquer outro idioma que não seja português, inglês ou espanhol e estudos que não estivessem completos nas bases de dados que foram utilizadas: SciELO, Pepsic, Portal de Periódicos Capes. Durante o mapeamento do estudo é possível encontrar abordagem sobre relacionamentos afetivos, resiliência, taxas de homicídio comparado a mulheres brancas, escravidão de mulheres negras, racismo estrutural e racismo institucional e a construção da autoestima de mulheres negras. A exposição de mulheres negras a questões abordadas acima pode gerar dificuldade nos seus relacionamentos interpessoais gerando assim confrontos pessoais e interpessoais por não entender que o racismo estrutural faz parte da estrutura da sociedade. É importante ressaltar que após a realização do mapeamento sistemático concluiu-se que é importante valorizar a sabedoria das mulheres negras criando oportunidades para que possam ocupar cargos de inovação promovendo saúde mental, clínica, políticas públicas realizando o acolhimento da população negra em sua totalidade.

Palavras-chave: Racismo Estrutural, Mulheres Negras, Saúde Mental.

1 INTRODUÇÃO

As mulheres negras, por consequência do histórico construído no folclore brasileiro, se encontram atualmente em enormes desvantagens sociais no que diz

¹ Professora orientadora do TCC. Mestre em Psicologia.

respeito ao preconceito e ao racismo quando relacionadas às minorias. Desse modo, esse trabalho trata acerca de questões de como o racismo estrutural reverbera nas relações das mulheres negras.

Com isso, almeja-se promover a consciência sobre tal debate, que apesar de ser muito recente na literatura brasileira, se apresenta como fundamental para a manutenção de uma sociedade diversificada como a de nosso país. Portanto, a relevância desse trabalho ocorre como forma de visibilizar e levar novos entendimentos acerca dos temas citados aos leitores brasileiros.

Ademais, um dos desafios é promover a consciência dos próprios preconceitos. Visto que, é provável, que em um primeiro momento, uma pessoa ao ser questionada sobre ter ou não preconceito apresente um impulso individual em dar uma resposta de negação.

Desta maneira, expostas aos preconceitos individuais e sociais, as mulheres negras, como afirma Souza (1983), se questionam “Como as formas de racismo interferem nos relacionamentos interpessoais”? Com isso, expressando autonomia, ao escrever e argumentar, Souza (1983) também está manifestando o que as mulheres negras estão construindo no presente momento: Objetivam ter voz para que seja possível reconhecer como o racismo pode afetar os relacionamentos das mulheres negras em todos os aspectos, principalmente nos relacionamentos amorosos, bem como nas escolhas e manutenção de amizades e posições profissionais. Dentro desse prisma, para Kilomba (2019, p. 28):

Eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou. A escrita converte-se em um ato político. O escrever pode ser um ato de descolonização, justamente nesse processo quando deixamos de ser objeto e nos tornamos sujeitos (KILOMBA, 2019, p. 28).

No trecho acima, a autora traz questões referentes à ocupação de espaços, o direito à fala, direito à manifestação, a identificação e posicionamento como pessoas negras, e o direito das mulheres negras serem respeitadas e tratadas com dignidade e não apenas como objeto. Essa lógica, é explicitada por Ângela Davis no livro “Mulheres, Raça e Classe” (Davis,2016). Para a autora, na sociedade contemporânea as mulheres negras possuem a capacidade da escrita de forma livre, mas, ao estarem presentes em espaços dos quais antigamente não seriam aceitas, ainda podem sofrer racismo.

Como objeto de estudo científico, análises sobre relacionamentos são compostas por diferentes áreas do conhecimento, como antropologia, sociologia e comunicação. Na ciência psicológica, tais fenômenos são investigados com maior veemência nos campos da psicologia social, psicologia do desenvolvimento, psicologia da personalidade e psicologia clínica (DUCK; PERLMAN, 1985 *apud* SCHLÖSSER, 2014).

Por mais que haja muitos estudos sobre relacionamentos, ainda é muito precário o interesse de determinadas áreas pelo racismo e pela saúde mental de pessoas pretas. Ademais, esse tema é pouco abordado dentro das instituições de ensino e/ou em espaços que reproduzem privilégios. Acerca disso, o Conselho Federal de Psicologia traz o seguinte trecho no livro referente às relações raciais, explicitando como os psicólogos podem aplicar técnicas para lidar com esse tema tão delicado.

Nas últimas décadas, no Brasil, contribuições teóricas da Psicologia no campo das relações raciais têm se intensificado. Dentre as produções mais recentes, é um marco o livro *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Este livro, escrito pela psicanalista Neusa Santos Souza e publicado em 1983, inaugurou o debate contemporâneo e analítico sobre racismo no Brasil, identidade negra e sofrimento psíquico. Igualmente original, o livro *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, organizado por Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento publicado em 2002, propôs uma virada teórico-epistemológica na compreensão das desigualdades raciais no Brasil ao colocar em cena o branco e a branquitude (CFP, 2017, p. 9).

Historicamente, durante o período da escravidão, as mulheres negras eram utilizadas para diversas funções domésticas, mas não eram distinguidas dos homens em função da força. A lógica era que “o sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Nesse sentido, as mulheres eram vistas como unidades de trabalho lucrativas, portanto, para os proprietários de escravos, poderiam ser desprovidas de gênero” (DAVIS, 2016, p. 17). Ou seja, conforme Davis (2016) afirma, as mulheres negras geram bebês que já nasciam escravos.

Nas décadas que precederam a Guerra Civil, as mulheres negras passaram a ser cada vez mais avaliadas em função de sua fertilidade (ou da falta dela): aquela com potencial para ter dez, doze, catorze filhos eram cobiçadas como um verdadeiro tesouro. Mas isso não significa que, como mães, as mulheres negras gozassem de uma condição mais respeitável do que a que tinham as trabalhadoras (DAVIS, 2016, p. 19).

Nesse aspecto, a mulher negra escrava tinha que trabalhar logo após o parto. Muitas vezes com o filho amarrado em tecidos que ficavam presos nas costas enquanto assistia outros filhos serem vendidos para trabalharem também como escravos para outros senhores, impedindo assim que fossem mães e que seus filhos soubessem o que é uma criação por sua família de origem. Essa situação aponta para a questão da solidão da mulher negra na época da escravidão, da qual tinham que ser fortes não apenas por seus filhos, mas também para não perderem a vida (DAVIS, 2016). Por isso, eram vistas como objetos, como mercadorias e sequer tinham a chance de criar os filhos com dignidade, ensinando valores e adquirindo princípios como pessoas (DAVIS, 2016).

Em outro sentido, Segundo Abramovay, Cunha e Calaf (2009, p. 190), o “[...] preconceito e a discriminação estão intimamente ligados à dificuldade de se lidar com o tido como diferente da norma”. Nesse aspecto, vale notar que a “norma”, na sociedade brasileira contemporânea, é personificada pelo homem branco, de classe média, heterossexual e católico (CFP, 2015).

1.1 RAÇA E RACISMO

Há grande controvérsia sobre a etimologia do termo raça. O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas (ALMEIDA, 2019, p. 19).

Raças são formas de classificações entre seres humanos, e que de tempos para cá, essa forma de “classificação” ocorre em função da construção política de diferentes etnias (ALMEIDA, 2019). Em virtude disso, quando o autor cita que é um conceito relacional e histórico, ele a relaciona com a história da construção política entre essas raças (ALMEIDA, 2019). Sobre o significado do racismo, o autor considera (2019):

[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019, p. 25)

Convergente a isso, Djamila Ribeiro aborda no livro “Pequeno Manual Antirracista” que para entender o racismo é preciso abordar a história. Além disso, para ela, é importante conversar sobre a escravidão pensando no que pode ter causado e causar até hoje a questão do racismo no Brasil, através de questões tais - quais são as heranças do racismo? Em suas palavras:

O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas (RIBEIRO, 2019, p. 9).

Dentro de uma análise geral, uma das heranças da escravidão relacionado ao racismo com mulheres negras é a taxa de homicídio. No Atlas da Violência de 2019, temos os seguintes dados:

Enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%. Quando da aferição da proporção de mulheres negras entre as vítimas da violência letal, também é vislumbrada a desigualdade racial: 66% de todas as mulheres assassinadas no país em 2017 são negras (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019, p. 38).

Conforme é apresentado no Atlas, “o crescimento muito superior da violência letal entre mulheres negras em comparação com as não negras evidencia a enorme dificuldade que o Estado brasileiro tem de garantir a universalidade de suas políticas públicas” (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019, p. 39). Um dos pontos a se questionar é de que o mesmo tratamento da sociedade dado a mulheres brancas não é o mesmo com mulheres negras, visto que são essas as que mais sofrem, uma vez que as maiores taxas de homicídio, são relacionadas com preconceito e discriminação da cor.

Enquanto a autoestima de mulheres negras, Bell Hooks faz uma análise interessante referente a identidade de gênero e o cabelo da mulher negra, a aceitação como mulher e a vontade de se tornar mulher já que observava que as

meninas de cabelos lisos e longos eram consideradas mais bonitas quando comparadas às mulheres negras que tinham cabelos crespos (2005, s/p).

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco (FANON, 2008, p. 69).

Deste modo, quando Fanon (2008) cita esse trecho do livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, o autor está falando dos homens negros que buscam se relacionar com mulheres brancas. Não possuindo a preferência ou não querem enxergar as mulheres negras com o mesmo potencial para se relacionar amorosamente, visto que também estão lutando para serem aceitos na sociedade, que, por sua vez, se demonstra embranquecida conforme padrões de beleza que foram impostos ao longo dos anos.

[...] em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2019, p. 38).

Tal preterimento de alguns homens negros por mulheres brancas, essa realidade exclui a mulher negra de algumas possibilidades de relacionamentos afetivos (FANON, 2008). A partir dessa contextualização o objetivo do estudo foi o de tratar acerca de questões de como o racismo estrutural reverbera nas relações das mulheres negras.

2 MÉTODO

Para a realização do mapeamento sistemático foi utilizado o software on-line e colaborativo Parsifal (Kitchenham, 2007). O software Parsifal é um serviço web gratuito capaz de auxiliar no planejamento, execução e na sumarização dos resultados da revisão.

2.1 ORIGEM DAS INFORMAÇÕES E ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO

Para coleta de dados foi realizada a busca de estudos sobre o tema nas bases de dados: SciELO Brasil, Pepsic e Portal de Periódicos da Capes. A busca foi feita com combinações de termos como: “Mulher negra”; “Relacionamentos”; “Racismo”; “Racismo Estrutural”; “Relacionamentos Afetivos” e “saúde mental”. Foram exploradas através do descritor booleano AND, combinados de modo a formar o seguinte *string* de busca: (“Saúde Mental” AND Relacionamentos) / (Mulheres AND Racismo) / (“Mulheres Negras” AND “Relacionamentos Afetivos”) / (“Mulheres Negras” AND “Saúde Mental”) / “Mulheres Pretas” AND “Relacionamentos Afetivos”.

2.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os estudos que foram incluídos na pesquisa atenderam o seguinte critério de inclusão: a) Estudos escritos em português, inglês e espanhol. Foram excluídos deste mapeamento sistemático a) Pesquisas que não tenham relação com o objetivo do estudo, b) em qualquer outro idioma que não seja português, inglês e espanhol, c) estudos que não estejam completos nas plataformas de pesquisa sendo eles livros, artigos e capítulos de livros.

2.3 EXTRAÇÃO DOS DADOS

Foram extraídos os seguintes dados: a) Ano de publicação, b) autores, c) tipo de publicação, d) palavras-chave e) objetivos dos estudos, f) resultados alcançados g) fonte de publicação, h) periódico no qual foi publicado.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

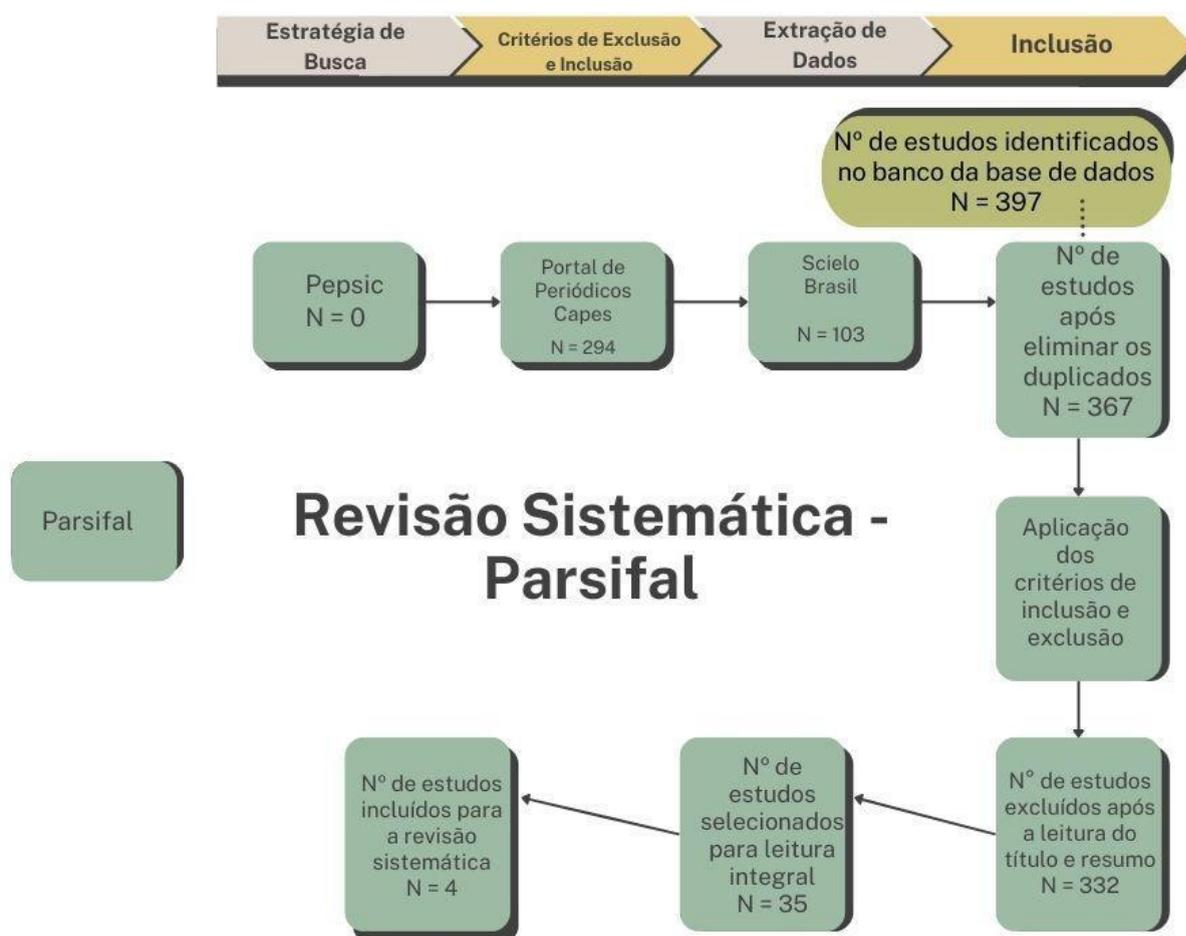
Posteriormente à extração de dados, os dados extraídos foram organizados em um fluxograma a fim de demonstrar as etapas de busca e seleção dos estudos, além disso foram propostas tabelas conforme adequação da aproximação entre as informações a fim de facilitar a análise e discussão dos dados.

3 RESULTADOS

3.1 BUSCA E SELEÇÃO

A Figura 1 ilustra a busca e seleção dos estudos, em formato de fluxograma. A maior parte dos artigos foram excluídos por não apresentarem relação com o assunto relativo à pesquisa. Nos estudos excluídos havia diversas abordagens sobre o racismo em si mas nenhum tema que abordasse a saúde mental da mulher negra e o racismo estrutural.

Foram encontrados 397 estudos, desse total 30 artigos eram duplicados e foram excluídos. Foram lidos os títulos e resumos de todos os estudos e após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 332 estudos, sendo 35 estudos selecionados para a leitura integral e apenas 4 foram eleitos para integrar a revisão sistemática.



Na Tabela 1 consta as referências dos estudos selecionados.

Tabela 1 — Referências dos estudos incluídos para a extração de dados

Número	Referência Bibliográfica
1	PRESTES, Clélia R. S.; PAIVA, Vera S. F. Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência. Saúde e Sociedade , [S.L.], v. 25, n. 3, p. 673-688, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020162901 .
2	SACRAMENTO, Amália Nascimento do; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. Racismo e saúde: representações sociais de mulheres e profissionais sobre o quesito cor/raça. Revista da Escola de Enfermagem da USP , [S.L.], v. 45, n. 5, p. 1142-1149, out. 2011. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342011000500016 .
3	OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. Saúde em Debate , [S.L.], v. 43, n. 122, p. 939-948, set. 2019. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201912222 .
4	WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. Saúde e Sociedade , [S.L.], v. 25, n. 3, p. 535-549, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020162610 .

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Tabela 2 referente aos estudos selecionados consta: título, ano de publicação, país e o periódico em que foram publicados.

Tabela 2 — Extração de dados dos estudos incluídos, referente ao título, ano, país, e periódico de publicação.

Estudo	Título	Ano	País	Periódico
1	Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência	2016	Brasil	Saúde e Sociedade , [S.L.], v. 25, n. 3, p. 673-688, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO)
2	Racismo e saúde: representações sociais de mulheres e profissionais sobre o quesito cor/raça	2011	Brasil	Revista da Escola de Enfermagem da USP , [S.L.], v. 45, n. 5, p. 1142-1149, out. 2011. FapUNIFESP (SciELO).
3	Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira	2016	Brasil	Saúde em Debate , [S.L.], v. 43, n. 122, p. 939-948, set. 2019. FapUNIFESP
4	Racismo institucional e saúde da população negra	2016	Brasil	Saúde e Sociedade , [S.L.], v. 25, n. 3, p. 535-549, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO)

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Na Tabela 3 consta o objetivo do estudo e os resultados alcançados em cada artigo publicado nos periódicos de saúde (vide Tabela 2).

Tabela 3 — Dados dos estudos incluídos na extração de dados referentes ao objetivo e resultados da pesquisa

Número	Objetivo do Estudo	Resultados Alcançados
1	Apresentar uma visão panorâmica de teorias e práticas que potencializam a saúde de mulheres negras, por meio da abordagem psicossocial que dialoga com o quadro de vulnerabilidade e dos direitos humanos, e com foco na noção de resiliência.	Inovar práticas e concepções nos processos de cuidado em saúde deve interessar especialmente às (aos dedicadas(os) a mitigar vulnerabilidades individuais, sociais e programática associadas a sofrimento psíquico e adoecimentos de mulheres negras. É restrita a análise que se baseia nos elementos pessoais das experiências de discriminação racista/sexista e privação de direitos. É limitante a prescrição vertical de tratamentos, reeducações, treinamento de comportamentos preventivos definidos a priori sem a contribuição dos segmentos, comunidades ou grupos de indivíduos abordados.
2	Apreender e analisar as representações sociais de profissionais e de usuárias sobre a raça/cor e verificar a importância atribuída por usuárias e profissionais à utilização/implementação do quesito cor nos documentos e prontuários do atendimento em saúde.	Observa-se uma oposição entre as respostas das pessoas que se denominaram brancas e das que se denominaram pretas. Verifica-se que a questão cor não é valorizada pelo grupo branco, pois, para ele, a cor não é importante para determinar as condições de vida das pessoas, e sim sua classe social, referenciada no TALP como nível social. Além disso, é bem representada a ideia de que as pessoas brancas pensam a questão racial como um problema apenas das pessoas negras, quando se vê representativa a evocação da expressão autodiscriminação do negro, ao serem estimuladas pela pergunta sobre cor.
3	Levantar a produção científica brasileira referente ao racismo institucional e à saúde da mulher negra, além de analisar como o tema tem sido tratado pelos pesquisadores.	Os resultados da pesquisa bibliográfica mostraram a escassez de textos que versam sobre a saúde da mulher negra. Dos 19 artigos referentes ao tema, o primeiro foi publicado em 2000; sete, no ano de 2016; dois cada, nos anos de 2004, 2012 e 2013; e um artigo por ano em 2000, 2003, 2006, 2014 e 2015.
4	Subsidiar pesquisas e contribuir para a formulação e gestão de políticas públicas adequadas às necessidades expressas nos indicadores sociais e de saúde das mulheres negras brasileiras.	Nesse nível, as ações empreendidas devem ser capazes de realçar a mudança institucional, vista como adoção de práticas capazes de aproximar os objetivos institucionais das necessidades das mulheres negras.

Fonte: Elaborado pela autora.

Observando as tabelas conclui-se que todos os estudos selecionados para compor a pesquisa foram publicados em periódicos voltados para a área de saúde.

4 DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo realizar uma investigação referente às formas que o racismo estrutural interfere na saúde mental de mulheres negras e seus relacionamentos interpessoais por meio do mapeamento sistemático. Perante análise efetuada nos estudos encontrados o primeiro artigo *“Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência”* (PRESTES; PAIVA, 2016) relata sobre a necessidade de inclusão das mulheres negras em cargos decisórios. O objetivo de incentivar tal ocupação é para que as mulheres negras possam contribuir para criação de políticas públicas referente a saúde da mulher negra e que haja esse movimento de pensar práticas de saúde para essa população, além disso, a pergunta que a autora faz em um dos trechos do estudo traz a necessidade do pensamento crítico enquanto educação, ensino e pesquisa. No mais, o estudo aborda a necessidade de disseminar o movimento relacionado ao debate saúde-doença para que aumente o número de pesquisas e condutas que possam refletir os relacionamentos interpessoais enquanto a raça e gênero.

No segundo artigo *“Racismo e saúde: representações sociais de mulheres e profissionais sobre o quesito cor/raça”* (SACRAMENTO; NASCIMENTO, 2011) as autoras abordaram a importância do preenchimento de documentos na área de saúde com o campo onde distingue a etnia do indivíduo. O que se observa é a ausência desse campo referente a etnia para o preenchimento, o que pode dificultar as pesquisas relacionadas ao SUS quando busca-se informações sobre qual é a população que utiliza o serviço de saúde pública. Cor/raça e etnia são categorias ainda pouco valorizadas nas práticas dos serviços de saúde e nas análises da produção científica sobre a saúde no Brasil. Apenas recentemente, principalmente a partir da década de 1990, por conta das lutas dos movimentos da sociedade civil, essas categorias começaram a ser discutidas e utilizadas nas reflexões e em modelos de atenção à saúde (SACRAMENTO; NASCIMENTO, 2011). Perante o estudo realizado as autoras concluíram que se faz necessário a implantação de uma educação antirracista em diversos ambientes como postos de saúde, hospitais, escolas e empresas em caráter multidisciplinar para que exista o atravessamento destas questões em diversas culturas podendo impactar a sociedade como um todo.

O recorte racial na saúde é um dado epidemiológico essencial, pois permite visibilizar as doenças que aparecem com maior frequência ou são exclusivas de determinados grupos como negros, brancos, amarelos, judeus, ciganos etc. e em mestiços de tais grupos, de modo que se possa interferir na realidade, diminuindo as desigualdades sociais (SACRAMENTO; NASCIMENTO, 2011).

No terceiro artigo *“Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira”* Oliveira e Kubiak (2019) afirmam que existem diversas formas de racismo. Pode-se dizer, então, que o racismo se manifesta de diversas formas na sociedade, e, apesar de suas formas mais explícitas serem proibidas por lei, permanece na estrutura social moldando o comportamento dos indivíduos, como, por exemplo, a forma diferenciada pela qual as instituições tratam os sujeitos. As autoras observaram nas pesquisas realizadas por elas casos de aumento enquanto a violência obstétrica em mulheres negras, conforme elas abordam no estudo, o cenário melhorou em 15 anos consequência do programa de Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNISPN) além do aumento de pesquisas no assunto direcionado ao racismo em 2016. Acreditam que tal feito denomina-se da inserção dos negros no ensino superior o que colabora para investigação de um problema relacionado a sociedade.

No estudo de Jurema Werneck (2016), *“Racismo institucional e saúde da população negra”*, o quarto artigo selecionado neste estudo, a autora traz técnicas que poderiam auxiliar na criação de programas relacionado a saúde da população negra. movimentando questões de saúde que são decorrentes dos negros como anemia falciforme, pressão alta e diabetes além de informações relacionadas a programas criados para colaborar com dados importantes devido ao manejo da saúde referente a população negra.

Grande parte das formulações conceituais de diretrizes e estratégias e da atuação em saúde da população negra teve origem fora do sistema de saúde, a partir da atuação dos sujeitos negros organizados, de suas análises, conhecimentos e valores (WERNECK, 2016). A autora comenta que nesse processo de formulação, as mulheres negras tiveram especial destaque, não apenas por sua experiência histórica e cultural nas ações de cuidado, mas também por serem as mulheres negras a parte expressiva de trabalhadoras de saúde das diferentes profissões.

Diante disso, teríamos que mexer na estrutura como um todo para frear as questões referente ao racismo. Os comportamentos terão que mudar nas relações

sociais, na política e na economia, assim, poderão ser contidas as formas de racismo que compõem a estrutura da nossa sociedade, mudando os indivíduos e as instituições. Esse, entretanto, não seria um trabalho fácil, não é à toa que o tema vem sendo abordado praticamente de forma diária (mas não com digna profundidade) para fazer as organizações, instituições e indivíduos entenderem o que pode ser ou não uma prática racista. Com isso a autora conclui em seu estudo que através da implementação de ações assertivas é possível alinhar o propósito institucional com as necessidades das mulheres negras (WERNECK, 2016).

Os estudos selecionados conversam entre si abordando o tema do racismo estrutural e racismo institucional além de citarem a importância da criação de políticas públicas e programas dentro da área da saúde com a participação de mulheres negras na elaboração de técnicas assertivas para o manejo do bem-estar da população citada. Devido à escassez de pesquisas científicas é necessário criar estímulos para produção de trabalhos acadêmicos voltados à saúde mental de mulheres negras. Relacionando os estudos que foram extraídos com o objetivo da pesquisa que seria investigar como as formas que o racismo estrutural interfere na saúde mental de mulheres negras os estudos selecionados abordam questões sociais, culturais, institucionais e também sobre a resiliência da mulher negra interligando com conteúdos de saúde mas não necessariamente com a saúde mental destas mulheres. É possível realizar uma reflexão sobre os conteúdos abordados e entender as formas que a falta de recursos na saúde clínica, no ambiente de trabalho e na vida afetiva em determinados locais podem vir a afetar a saúde mental da mulher negra. Porém não foram encontrados estudos que abordem diretamente a saúde mental neste contexto.

5 CONCLUSÃO

O preconceito referente ao racismo continua sem respostas, se faz necessário que as pesquisas relacionadas a esse tema sejam essenciais para educar e informar profissionais para que o racismo seja abordado de forma educacional e não somente quando ocorre algum crime relacionado ao racismo. Que não precise ocorrer a morte de uma pessoa negra para falarmos deste tema. Quem sabe assim possamos mudar a nossa realidade atual pelo poder da nossa comunicação, da educação e da importância de falarmos ainda mais sobre a saúde mental da população negra.

Os artigos abordam questões relacionadas à saúde clínica e não sobre a saúde mental destas mulheres, o que pode trazer impacto para o último apontamento. Destaca-se a necessidade de serem realizadas pesquisas com um maior direcionamento a psicologia, sendo assim, o objetivo desta pesquisa traz a reflexão do racismo estrutural e relacionamentos interpessoais de mulheres negras e conclui que é preciso incorporar mulheres negras em cargos executivos voltados a saúde pública, em instituições que possam expandir o olhar para a população negra e realizar a manutenção de saúde, ensino e pesquisa criando ações que possam promover inovação e promoção de saúde mental de pessoas negras na estrutura da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana — RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal — SEEDF, 2009.

AMMA Psique Negritude; Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Conselho Federal de Psicologia *et al.* **Carta aos gestores e participantes do Encontro Nacional da Rede de Atenção Psicossocial**, 4-6 de dezembro de 2013. Curitiba (PR): 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE Pesquisadores Negros. **Ofício VII COPENE à CGMAD**, 6 jul. 2012. Florianópolis: 2012 (Não publicado).

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016**. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 10 jun. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: CANDIANI, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Cultura Negra e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, UFMG, 2003.

HOOKS, Bell Blair. **Tudo sobre o amor: Novas Perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SCHLOSSER, Adriano. Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, dezembro 2014.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DONATO, Helena; DONATO, Mariana. Etapas na Condução de uma Revisão Sistemática. **Acta Médica Portuguesa**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 227-235, 29 mar. 2019. Ordem dos Médicos. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20344/amp.11923>. Acesso em: 31 maio 2023.

PRESTES, Clélia R. S.; PAIVA, Vera S. F. Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 673-688, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020162901>. Acesso em: 31 maio 2023.

SACRAMENTO, Amália Nascimento do; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. Racismo e saúde: representações sociais de mulheres e profissionais sobre o quesito cor/raça. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, [S.L.], v. 45, n. 5, p. 1142-1149, out. 2011. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342011000500016>. Acesso em: 31 maio 2023.

OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. **Saúde em Debate**, [S.L.], v. 43, n. 122, p. 939-948, set. 2019. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201912222>. Acesso em: 31 maio 2023.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 535-549, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020162610>. Acesso em: 31 maio 2023.